

Intenção Empreendedora: Categorização, Classificação de Construtos e Proposição de Modelo

Fellipe Silva Martins ^{1†}

¹Universidade Nove de Julho, São Paulo, SP, Brasil

Eduardo Biagi Almeida Santos ^{2,Ω}

²Universidade Nove de Julho, São Paulo, SP, Brasil

Amélia Silveira ^{3,Υ}

³Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil

RESUMO

Estudos de revisão de literatura de Intenção Empreendedora (IE) apontam para um futuro de alta padronização (LIÑÁN; FAYOLLE, 2015) e potencial empobrecimento da pesquisa atual (TERJESEN; HESSELS; LI, 2013). No entanto tal empobrecimento citado é genérico e não foi confirmado por nenhum estudo quantitativo. Neste artigo, nosso objetivo foi fazer uma análise da produção acadêmica em IE. Pudemos assim verificar que há um excesso de padronização nos estudos de IE, com um direcionamento para um potencial dogmatismo na área – isto é, engessamento teórico e metodológico com replicação baseada em alterações somente no domínio substantivo de IE. A análise se apoiou no método de Reinert (1993), emergindo quatro classes: Componente Teórico; Acessórios e Contextualização; Características Típicas; e Estrutura dos Estudos. A relação entre essas classes indicou a preocupação dos estudos de intenção empreendedora em principalmente replicar métodos, técnicas e análises aos novos perfis e papéis do empreendedor. Os resultados permitiram a proposição de um modelo preliminar com base na organização espacial e no peso entre os construtos principais e os de segunda ordem para amparar a continuidade de estudos desta natureza.

Palavras-chave: Intenção empreendedora. Método de Reinert. Categorização. Proposta de modelo.

1. INTRODUÇÃO

A importância dos estudos de Intenção Empreendedora (IE) no mundo moderno é inquestionável, tanto sob o ponto de vista acadêmico quando prático. No aspecto teórico, a IE é considerada um dos pilares em qualquer possibilidade tangível de empreender (KRUEGER; REILLY; CARSRUD, 2000; LEE et al., 2011). Isso pode ser demonstrado pela quantidade de estudos que a posicionam como gatilho de diversos outros fenômenos sociais (JENNINGS; BRUSH, 2013). No entanto, a conceituação de IE é complexa (BIRD, 1988; LUMPKIN; DESS, 1996) e abrange fatores ligados às características dos empreendedores, bem como suas necessidades e hábitos, incluindo fatores como valores, crenças e competências pessoais (COPE, 2005). Segundo Fayolle e Liñán (2014), a perspectiva predominante na abordagem comportamental cognitiva para o empreendedorismo se volta para a IE, integrando diversos traços de personalidade e uma ampla gama de valores observáveis relacionados (ESPÍRITU-OLMOS; SASTRE-CASTILLO, 2015).

Autor correspondente:

[†] Universidade Nove de Julho, São Paulo, SP, Brasil
E-mail: silvamartinsfellipe@gmail.com

^Ω Universidade Nove de Julho, São Paulo, SP, Brasil
E-mail: eduardo-biagi@hotmail.com

^Υ Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil
E-mail: ameliasilveira@gmail.com

Recebido: 21/09/2017.

Revisado: 19/03/2018.

Aceito: 04/04/2018.

Publicado Online em: 17/10/2018.

DOI: <http://dx.doi.org/10.15728/bbr.2019.16.1.4>



Nota-se, portanto, que há espaço para grande variedade de estudos, os quais focam em programas de estudo empreendedor (SUITARIS; ZERBINATI; AL-LAHAM, 2007), educação empreendedora (BAE et al., 2014), fatores intrínsecos de IE (TURKER; SONMEZ, 2009), bem como de implementação de tal IE (BIRD, 1988; SANTOS; CURRAL; CAETANO, 2010). Todavia, a observação pragmática de tais estudos de forma coletiva (LIÑÁN; FAYOLLE, 2015) aponta para uma padronização nos estudos. Assim, um aspecto largamente ignorado é que isso privilegia um crescimento motivado principalmente pelo acúmulo de novos itens no domínio substantivo, em detrimento de avanços no domínio metodológico e, mais importante e mais grave, em detrimento do domínio conceitual (BRINBERG, 1982; BRINBERG; MCGRATH; 1985; BARLACH, 2011; SOUZA, 2012). Enquanto há autores que defendem o crescimento do domínio substantivo pelo seu poder de explicação de fenômenos de empreendedorismo mais próximos da prática e da necessidade real (WELTER, 2011), há também um declínio generalizado na quantidade e qualidade de estudos conceituais em áreas correlatas em ciências sociais aplicadas (YADAV, 2010), o que igualmente acontece em estudos de IE (TERJESEN; HESSELS; LI, 2013). Desta forma, neste artigo temos o objetivo de verificar se há estabilização de categorias de estudo, de constructos, e, principalmente, se há engessamento dos estudos de IE com enfoque em domínio substantivo.

Com esse entendimento, o objeto de estudo se volta para um aprofundamento quanto ao conteúdo dos artigos científicos analisados, conforme uma amostra intencional, sobreposta em termos de período de tempo ao estudo de Liñán e Fayolle (2015). Para tanto, objetivou analisar a produção científica de IE indexada na *Web of Science*, de 1999 a 2017, por meio de categorização e classificação e da proposição de modelo preliminar para amparar estudos futuros. Isto é, a continuidade de estudos neste tema de IE. O delineamento de pesquisa foi descritivo e quantitativo. Em um primeiro momento, a técnica adotada no campo de pesquisa foi bibliométrica, com base na Lei de Zipf, ou Lei do Mínimo Esforço (ZIPF, 1949). Em continuidade foi adotado o Método de Reinert (1993). Os resultados permitiram a proposição de um modelo preliminar que potencializa as possibilidades futuras para estudos em IE.

Os resultados obtidos permitem verificar que há um processo de sedimentação natural em torno do paradigma e instrumento de pesquisa proposto por Liñán e Chen. Por outro lado, é possível verificar igualmente a formatação do campo de estudos em IE em que há principalmente contribuições vindas de perfis e características das amostragens, isto é, diretamente ligadas ao crescimento do domínio substantivo em IE. Assim, os dados obtidos permitem acreditar que há um direcionamento para um ‘dogmatismo’ potencial em IE – utilização da estrutura teórica sedimentada (domínio conceitual com pouco crescimento), dos instrumentos de pesquisa principais – em especial a escala de Liñán e Chen – (domínio metodológico restrito) e extensa replicação de estudos desta base em novas situações ou amostragens. Tal cenário estanca a necessidade de pesquisas além da fronteira estabelecida, tanto incrementalmente em termos teóricos bem como em termos laterais, fora do já estabelecido e ‘dogmatizado’.

O artigo foi estruturado em cinco partes, e a primeira delas é esta introdução. Em seguida, no referencial teórico, sintetizam-se as principais contribuições para o estudo da IE e a relação dos domínios epistemológicos e sua ligação com IE. Na sequência são evidenciados os procedimentos metodológicos adotados para a realização dessa investigação. Em continuidade se encontram os resultados de pesquisa e suas análises, incluindo as categorizações e as classes dos constructos da IE, bem como a apresentação do modelo preliminar para a continuidade de estudos nessa temática. As referências do material citado e que fundamentam o assunto complementam o artigo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa formalizada a respeito de IE pode ser traçada em seus primórdios com os artigos seminais de Shapero (SHAPERO; SOKOL, 1982; SHAPERO, 1984), bem como de pesquisadores como Ajzen (1985, 1991). Com o crescimento e a expansão da pesquisa

em IE, destacam-se trabalhos altamente citados que formaram a base teórica em IE (KATZ; GARTNER, 1988; KOLVEREID, 1996; SOUITARIS; ZERBINATI; AL-LAHAM, 2007; MCGEE ET AL., 2009; FITZSIMMONS; DOUGLAS, 2011). Esses autores, entre outros, contribuíram para alicerçar o campo de estudo da IE.

Modelos que explicaram os antecedentes estruturais da IE emergiram baseando-se em conceitos psicológicos e sociológicos (KRUEGER; REILLY; CARSUD, 2000). A literatura voltada para os estudos de IE evidenciou uma série de modelos que buscaram explicar a relação entre as características pessoais do indivíduo e suas intenções empreendedoras (BIRD, 1988; BOYD; VOZIKIS, 1994; KRUEGER; BRAZEAL, 1994). Tais modelos se concentraram em duas linhas principais – a Teoria do Comportamento Planejado (TCP), de Ajzen (1985, 1991), e o Modelo do Evento Empresarial (MME), de Shapero e Sokol (1982) e Shapero (1984).

Os estudos mais atuais sobre IE (SCHLAEGEL; KOENIG, 2014; KAUTONEN; GELDEREN; FINK, 2015; LORTIE; CASTOGIOVANNI, 2015; LIÑÁN; FAYOLLE, 2015; KOLVEREID, 2016; PFEIFER; ŠARLIJA; ZEKIĆ SUŠAC, 2016; IBRAIN; MAS'UD, 2016) demonstram que a TCP continua predominando na literatura como teoria de base, sobrepondo-se às demais e reforçando a compreensão de que as obras de Ajzen (1985, 1991) se constituem nas mais utilizadas para apoiar a IE. Contudo, apesar da existência de estudos com ênfase na fundamentação da IE e seus modelos, pesquisas apontam para uma falta de clareza teórica e metodológica que enfraquece sua maior aceitação (TERJESSEN; HESSELS; LI, 2013). Para dirimir tais questionamentos em relação à validade das definições e construtos de IE, uma onda de estudos de revisão de literatura e de meta-análises surgiu em contraponto. Os principais trabalhos desta linha foram os de Schlaegel e Koenig (2014), Bae et al. (2014), Lortie e Castogiovanni (2015) e Liñán e Fayolle (2015). Principalmente esses estudos abordaram as teorias dominantes, as limitações e as perspectivas na área de IE bem como identificaram novamente a predominância da TCP (AJZEN, 1985, 1991) na fundamentação da teoria de IE.

De modo mais pragmático, a mensuração da IE realizada na pesquisa de Liñán e Chen (2009) ganhou importância na literatura do tema. Fundamentada na TCP (AJZEN, 1985, 1991) e no instrumento de coleta de dados intitulado *Entrepreneurial Intention Questionnaire (EIQ)*, esta pesquisa teve continuidade no estudo de Liñán, Urbano e Guerrero (2011). Esses três autores ajustaram e consolidaram o *EIQ* (LIÑÁN; URBANO; GUERRERO, 2011), afirmando que esse instrumento de coleta de dados prediz e explica a propensão do indivíduo em se tornar um empreendedor. Em anos recentes, autores internacionais e nacionais têm se baseado nesse instrumento de coleta de dados para realizar estudos aplicados em distintas realidades. O estudo de Rueda, Moriano e Liñán (2015) arrola estudos realizados em diversos países com alunos de instituições de ensino superior como tendência. Também Liñán e Fayolle (2015) afirmam que há concentração de pesquisas que adotaram a pesquisa de Liñán e Chen (2009) como modelo. No Brasil, destacam-se trabalhos que consideram o *EIQ* como instrumento de coleta de dados e se fundamentaram nos estudos de Liñán e Chen (2009) e/ou de Liñán, Urbano e Guerrero (2011). As mais recentes e específicas são as de Souza e Silveira (2016) e de Silveira, Bizarrias e Carmo (2017).

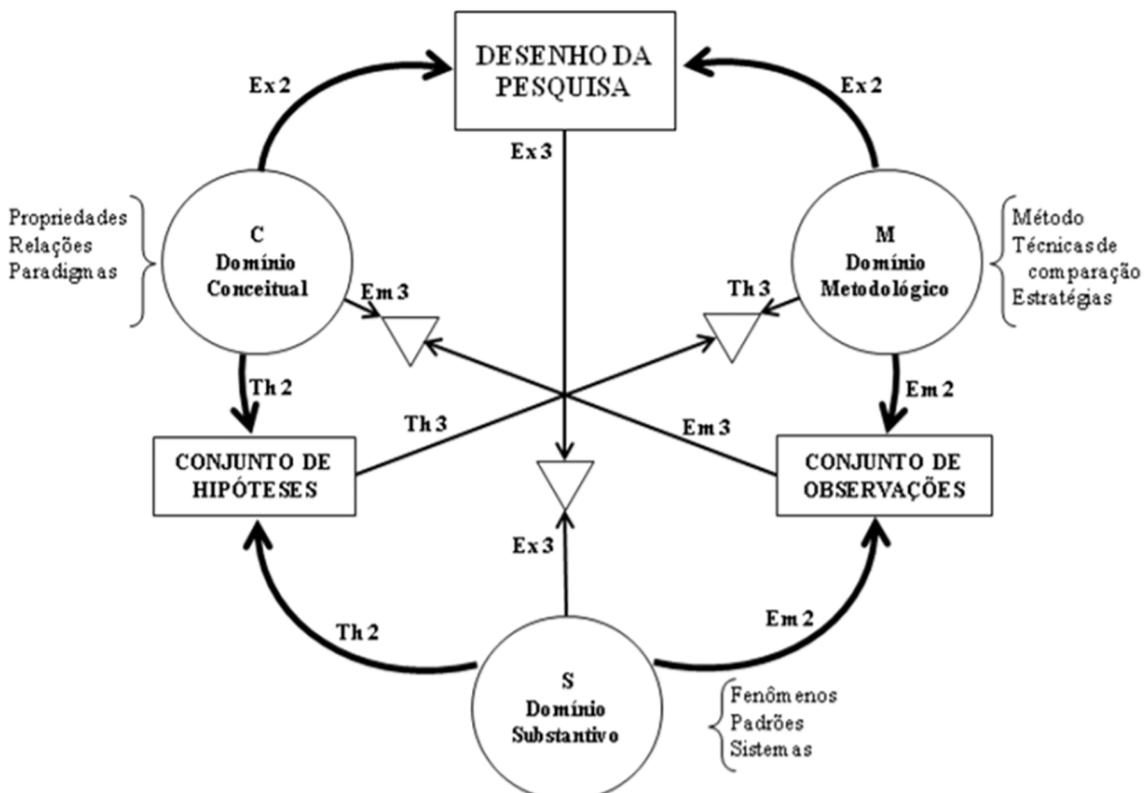
De forma abrangente, Liñán e Fayolle (2015) explicam que os artigos pesquisados em IE se encontram na categoria de variáveis pessoais, seja sob o prisma da psicologia, antecedentes de vida, gêneros, subcategorias específicas, seja condições de acesso aos processos empreendedores. E voltados à educação empreendedora. Há, então, não apenas interesse crescente pelo tema de IE, mas também a gradativa adoção de princípios, modelos e instrumentos de coleta de dados para a realização de pesquisas, apesar de eventuais críticas quanto à repetição exaustiva de modelos de pesquisa. O fato de esses estudos serem presentes e atuais na IE justifica e ampara a realização do presente estudo, no qual se busca analisar a produção científica publicada em uma base de dados internacional sobre a intenção empreendedora, nos últimos 16 anos, com base na adoção da Lei de Zipf (ZIPF, 1949) e no método de Reinert (1993), propondo um modelo preliminar que ampare, em continuidade, pesquisas nessa temática.

Em razão das diversas configurações possíveis e amplas combinações de variáveis, é difícil encontrar fundamentação teórica abrangente (TERJESEN; HESSELS; LI, 2013; SCHLAEGEL; KOENIG, 2014). Apesar de boa parte da literatura de IE abordar aspectos da formação e das características do empreendedor, não se pode resumir o conceito de IE aos fatores externos. A IE inclui aspectos internos ligados ao comportamento empreendedor, interagindo com os modelos mentais (GRÉGOIRE et al., 2015) e sua atuação estratégica (GIELNIK et al., 2015; KAUTONEN; GELDEREN; FINK, 2015). De forma simplificada, a IE trata de uma decisão, claramente consciente e conseqüentemente planejada, que compele a um conjunto de atos imprescindíveis para iniciar um negócio (THOMPSON, 2009).

Esse entendimento tem respaldo na Teoria do Comportamento Planejado (TCP) de Ajzen (1985, 1991), derivada da Teoria da Ação Racional (TAR), de Fishbein e Ajzen (1975) e Ajzen e Fishbein (1980), em que a ação racional se preocupa com o comportamento: a intenção comportamental. Da mesma forma, o entendimento de Bandura (1977, 2012) sobre a autoeficácia ampara o assunto. O Modelo do Evento Empresarial (MME), por sua vez, alicerçou a IE (SHAPERO; SOKOL, 1982; SHAPERO, 1984). Schlaegel e Koenig (2014) comparam a TCP e o MME evidenciando os pontos convergentes entre as duas teorias, confirmando que a TCP é saliente em relação ao MME quanto à IE. Lortie e Castogiovanni (2015) se posicionam da mesma forma: a TCP se destaca quanto à fundamentação da teoria de IE.

Essa base teórica, por sua vez, deu suporte a uma série de modelos de IE, relacionados por Black (2011) e Souza (2015). Esses modelos têm amparado a IE, apresentando aplicação e replicação. Terjesen, Hessels e Li (2013) não criticam esses modelos, no entanto apontam para um empobrecimento metodológico na pesquisa de IE. Liñán e Fayolle (2015), ao analisarem a literatura de IE, apontam para uma estabilização. Assim, a literatura existente e em curso foca suas críticas somente num empobrecimento genérico e estabilização. Para ser mais exato, utilizamos o Esquema da Rede de Validade (ERV ou Validity Network Schema VNS) de Brinberg (1982) e Brinberg e McGrath (1985) como ponto de partida (vide Figura 1).

Figura 1 - Esquema da Rede de Validade



O que se pode perceber é que as hipóteses de pesquisa devem ser propostas tanto do ponto de vista conceitual quanto substantivo. No entanto, se somente houver aumento da literatura baseada no domínio substantivo, isso aponta para um empobrecimento e restrição no crescimento de novos paradigmas teóricos. O conjunto de hipóteses também influencia o domínio metodológico – e não o contrário. Se se observa crescimento de pesquisas baseadas no que uma dada escala é capaz de medir – ao contrário de se procurar uma metodologia que se encaixe de acordo com as perguntas de pesquisa, hipóteses ou proposições existentes – há um risco de promoção de alta homogeneidade e endogenia em IE. Assim, pode haver um princípio de ‘dogmatização’ – só se faz pesquisa em IE baseada no conceito de TCP, com a escala de Liñán e Chen, com permissão implícita somente de alterar o *locus* de aplicação da teoria.

O que se defende, com a proposição de análise desta mesma literatura, por meio de categorização e classificação dos construtos que a compõem, e de proposição de um modelo preliminar para a continuidade dos estudos, é que o tema pode ser aprofundado. Cabe, assim, levantar as seguintes questões: até que ponto a análise dessa literatura de IE, por meio de categorização e de classificação, com consequente proposição de modelo preliminar para continuidade de seu estudo, pode ampliar o entendimento sobre o tema? Há um estado de engessamento nos estudos de IE, com alta replicação de um formato padrão, em detrimento de crescimento da teoria?

3. MÉTODO DE PESQUISA

O delineamento da pesquisa foi descritivo, com a utilização de dados quantitativos. Ou seja, descreveu-se o encontrado considerando técnicas de mensuração e tratamento estatístico. Para tanto, primeiramente, adotou-se a bibliometria, por meio da Lei de Zipf (1949), que mede ocorrências em um *corpus* textual de dada literatura. Trata-se de uma técnica quantitativa cujo objetivo é analisar a produção científica de determinada área (ARAÚJO, 2006). A utilização de um método bibliométrico facilita a investigação da relação entre as variáveis utilizadas no tema pesquisado (SUBRAMANYAM, 1982).

Para a seleção da amostra intencional, definida em razão do objetivo de pesquisa, foram considerados os artigos científicos publicados em periódicos internacionais, da grande área das ciências sociais, que se encontravam indexados na plataforma *Web of Science* em setembro de 2017 e que versavam sobre intenção empreendedora. O período de busca foi de 1999 a 2017. As palavras-chave utilizadas para a busca bibliográfica foram definidas com base nas palavras-chave que se repetiam nos *abstracts* encontrados nessa literatura: *entrepreneurial intent; entrepreneurial intention; entrepreneurship intention*. Foram recuperados 164 artigos com texto completo, disponíveis em linha, e especificamente voltados à intenção empreendedora.

De posse desses artigos científicos e após a leitura dos textos completos, os dados foram coletados e analisados. Primeiramente, segundo o que preconiza a Lei de Zipf (ZIPF, 1949), formulada em 1949 por George Kingsley Zipf, o qual descreve a relação entre palavras em determinado texto suficientemente grande e a ordem de série dessas palavras (contagem de palavras em grandes amostragens). Essa Lei de Zipf, ou Lei do Mínimo Esforço, mensura a quantidade de ocorrências de palavras em textos. Ou seja, o princípio do menor esforço preconiza que existe uma economia do uso de palavras, e se a tendência é usar o mínimo significa que elas não se dispersarão, pelo contrário, uma mesma palavra será usada muitas vezes; as palavras mais usadas indicam o cerne do assunto do documento. A Lei de Zipf (ZIPF, 1949) é adotada, principalmente, em estudos de frequência e coocorrência de descritores. (ARAÚJO, 2006).

Sua adoção permite o estudo de ocorrências de palavras ou termos em determinada temática, sendo útil para verificar qual tema é tratado em um texto. Isto é, esse tipo de estudo oportuniza estabelecer a correlação entre o número de palavras diferentes e a frequência de ocorrência, possibilitando estabelecer a regularidade no uso das palavras. Deste estudo podem surgir e ser indicados os construtos que embasam uma teoria, por meio das palavras ou termos usados frequentemente, indicando as categorias de assunto. Sintetizando, pode-se afirmar que a Lei de Zipf (ZIPF, 1949) mede a relação entre as palavras presentes em um tema e sua frequência de uso (GUEDES; BORSCHIVER, 2005). Um pequeno número de palavras

é utilizado com maior frequência e um grande número de palavras é utilizado com menor frequência. De acordo com essa Lei, a concentração de palavras define o tema de pesquisa (ARAÚJO, 2006). Assim, a adequação do volume e do recorte de dados escolhidos para as análises subsequentes no tema de intenção empreendedora foi realizada nesta pesquisa.

Em seguida, ainda tendo como base de dados os artigos científicos em análise neste trabalho, foi adotado e aplicado o método de Reinert (1993), o qual se baseia na busca pela similaridade de palavras. Esse método mede a coocorrência das palavras em um texto, separando-as em *clusters* (REINERT, 1993). O algoritmo ALCESTE, empregado no método de Reinert (1993), divide textos em blocos de palavras e concentra formas lexicais diversas (ex.: universalidade, universal, etc.) em formas primitivas (universo), quando estas mantêm o mesmo sentido específico. Em seguida, o algoritmo verifica a proximidade lexical entre as formas e o distanciamento destas dentro do texto. Para tanto, foi utilizado o programa Iramuteq, que utiliza o método de Reinert para analisar o *corpus* textual (SBALCHIERO; TUZZI, 2015; UHER, 2015). Tal método é muito utilizado em análises de texto para identificar possíveis construtos (COSTANZA et al., 2016), pois ele retira o viés do pesquisador e deixa somente o programa atuar de acordo com as proximidades e a utilização das palavras (WAGNER; HANSEN; KRONBERGER, 2014). Por meio desse programa, as três principais análises foram realizadas:

- a) Hierarquia de construtos (categorias ou “classes” de acordo com a nomenclatura de Reinert), que são determinados pela análise do programa;
- b) Organização espacial de construtos (como se influenciam e se sobrepõem);
- c) Análise de similitude, em que se verifica a relação de peso entre construtos principais, de segunda ordem e a força do relacionamento entre eles.

A adoção desses métodos e instrumentos de análise amparou o entendimento da literatura sobre a intenção empreendedora, possibilitando a análise de artigos completos, publicados na base de dados internacional definida neste estudo.

Com base nos resultados a serem obtidos nessas duas fases de análise, a proposição de um modelo preliminar de pesquisa será considerada. Para tanto, partindo de uma visão geral sobre o assunto, visa procurar evidenciar a relação entre classes, aspectos e agrupamentos da IE, considerando as organizações de construtos principais e os de segunda ordem encontradas na análise.

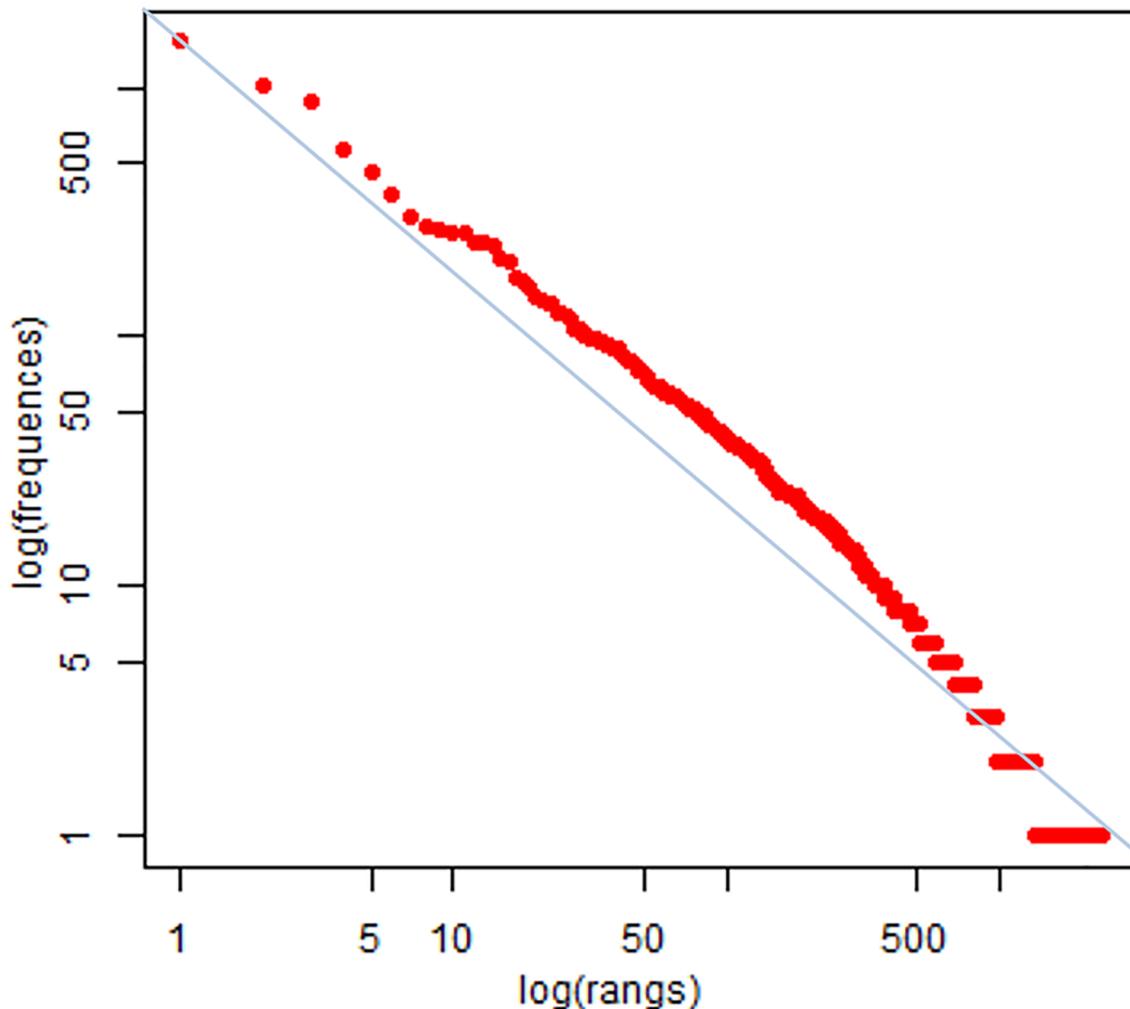
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro tratamento estatístico aplicado ao *corpus* textual foi realizar um teste de conformidade à Lei de Zipf (ZIPF, 1949). Essa Lei nada mais é que uma distribuição matemática observada por meio de empirismo estatístico, em que a frequência de uma instância é inversamente proporcional à sua ordem de importância descendente de acordo com a probabilidade de um ranqueamento r , tal que

$$P(r) \approx \frac{1}{r \ln(1.78 R)}, \quad (1)$$

em que r é o número de palavras diferentes em um *corpus* linguístico (PIERCE, 1980; GOETZ, 2015). Essa distribuição tem ocorrência comum, e seu uso pode ser encontrado em estudos de diversos campos para verificar a validade (THURNER et al., 2015). A aplicação da Lei de Zipf ocorre na análise de conjuntos de palavras e textos. Aplicada a um *corpus* linguístico natural, a importância de uma palavra será sempre aproximadamente a metade da palavra mais importante seguinte. De forma gráfica, interpreta-se a conformidade à Lei de Zipf quando as instâncias em análise se aproximam do eixo perpendicular decrescente, ilustrado na Figura 1. Sabendo-se que existe uma limitação à distribuição quanto a 1.000 instâncias (casos, palavras), quando esta perde potencial de explicação, pode-se afirmar que o volume de dados empregado nesta pesquisa não ultrapassa o limite de 1.000 formas. Assim, o conjunto de palavras nesta análise se conforma à Lei de Zipf (ZIPF, 1949).

Figura 2 - Conformidade à Lei de Zipf



Fonte: os autores.

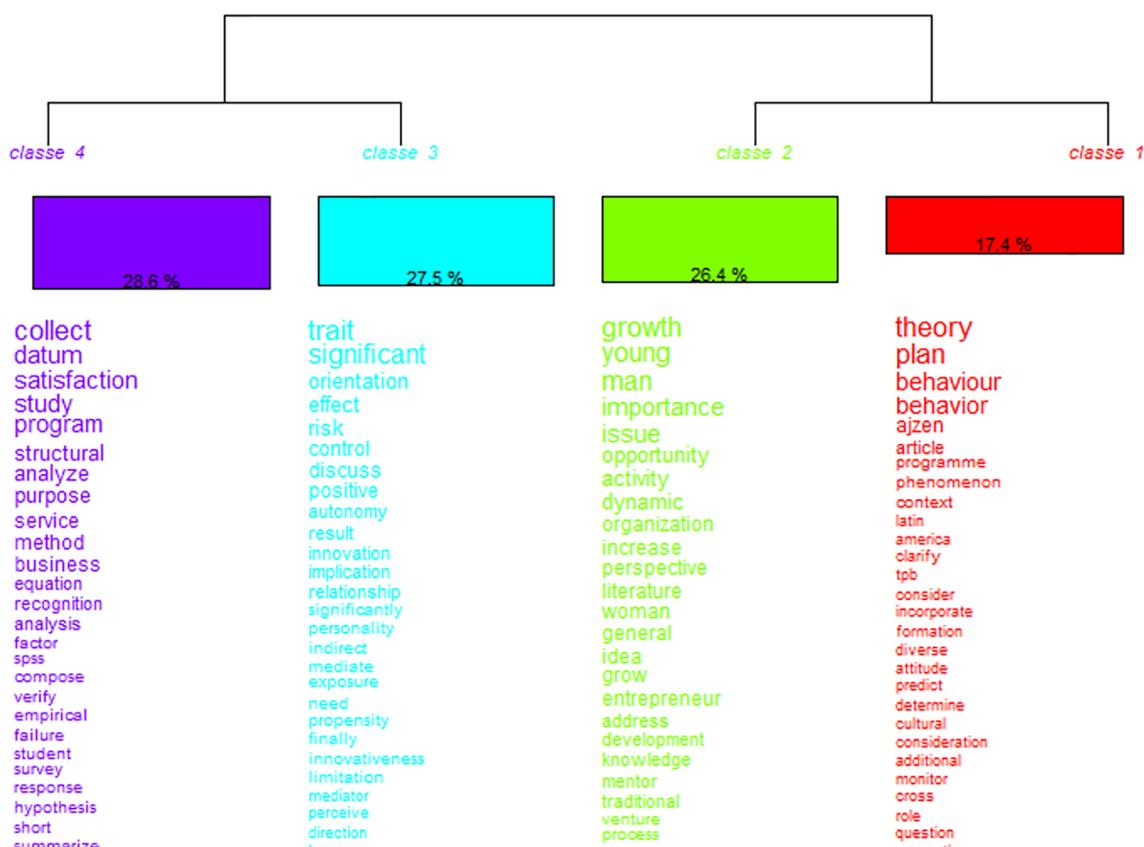
Verificar a aderência da análise à distribuição da Lei de Zipf (ZIPF, 1949) a um *corpus* linguístico é a forma empírica de validação da existência de variáveis latentes com baixa dimensionalidade. Isso indica que tal *corpus* se trata de um extrato relevante de dados. Por sua vez, esses dados retratam fenômenos típicos de estruturas subjacentes do mundo real, como assuntos com categorias e subcategorias interligadas entre elas (AITCHISON; CORRADI; LATHAM, 2016). Essa propriedade não se observa em conjuntos de dados ou textos que não disponham de coerência interna (ZANETTE; MONTEMURRO, 2005) ou cujo arranjo seja aleatório (FERRER-I-CANCHO; ELVEVÅG, 2010). Ou seja, o conjunto de artigos selecionados fornece variação interna suficiente para que sejam compreendidos como simulacro da realidade, já que a variação nas formas encontradas no *corpus* reflete a complexidade encontrada em extratos de comunicações sequenciais (PIANTADOSI, 2014). Isso se deve à comunicação artificial, mas igualmente válida, entre os diversos textos; parte da praxe acadêmica de citação sequencial e construção baseada em resultados anteriores (WILLIAMS et al., 2016). Essa propriedade independe da língua (CORRAL; BOLEDA; FERRER-I-CANCHO, 2015) e do tamanho do *corpus* (MORENO-SÁNCHEZ; FONT-CLOS; CORRAL, 2016). Igualmente, sugere-se que existem integridade e coerência interna relativamente altas em estudos em ciências sociais aplicadas (VILHENA et al., 2014), o que se revela ao *corpus* aqui escolhido. As palavras mais repetidas (topo à esquerda, ordem descendente) equivalem às palavras extremamente relevantes para a análise pretendida: *entrepreneurial*, *entrepreneurial intention*, *study*, *entrepreneurship* e *business*. Tais resultados evidenciam o ajuste do banco de dados coletado na base de dados *Web of Science* ao propósito deste estudo, uma vez que reflete a mesma variação natural de conceitos e construtos de um conjunto ideal.

Uma vez que a análise da aplicação da Lei de Zipf (ZIPF, 1949) comprovou a adequação da amostra de artigos e forneceu evidência da existência de categorias internas de agrupamento teórico, passou-se à análise por meio do método de Reinert (1993). De acordo com esse método, determinam-se os elementos fundamentais de discurso de um texto por meio de distribuições estatísticas (REINERT, 1993) e como estes se organizam internamente, evidenciando as regularidades, simetrias, semelhanças e diferenças entre conjuntos de palavras, suas relações, bem como o limite de suas sobreposições semânticas e de uso. Esse método deduz e extrai as categorias internas ajuntadas por meio de componentes ou construtos internos, mediante separação de blocos de palavras que estabeleçam relações mútuas de utilização conjunta. Para tanto, foi utilizado o *software* Iramuteq, e a partir do qual se gerou um dendograma, no qual foi possível verificar a existência de quatro classes (“categorias”) internas na análise dos artigos científicos de intenção empreendedora.

A análise das quatro categorias foi realizada à luz das contribuições teóricas encontradas na revisão de literatura, isto é, não se tratou somente de mera inferência baseada em jogos de palavras encontradas no dendograma da Figura 2. As quatro classes ou categorias que emergiram dessa análise foram nomeadas para os propósitos deste estudo como: 1) Componente Teórico; 2) Acessórios e Contextualização; 3) Características Típicas; e 4) Estrutura dos Estudos. As classes foram abordadas detalhadamente, em sequência.

Cabe ressaltar que qualquer análise de estudos de intenção empreendedora nas últimas décadas aponta para uma estabilização teórica (LIÑÁN; FAYOLLE, 2015). Paradoxalmente, Liñán e Fayolle (2015, p. 907) iniciam seu estudo ao mesmo tempo citando o crescimento histórico da área enquanto admitem que os estudos em intenção empreendedora se repetem à exaustão. Uma das formas de se perceber tal fato é que atualmente quase inexistem revisões de literatura que demonstram efetivamente o crescimento da teoria na área.

Figura 3 - Dendograma de categorias internas



Fonte: os autores.

Apesar de alguns modelos competirem como métodos teóricos e ferramentas de mensuração, o aspecto mais preocupante no desenvolvimento da literatura em intenção empreendedora é o fato de que praticamente todas as pesquisas atuais simplesmente replicam os modelos originais, em situações e contextos diferentes, como países, culturas, espaços laborais, perfis, etc. (IBRAHIM; MAS'UD, 2016; SINGH; VERMA; RAO, 2016). Os poucos que quebram esse paradigma, no entanto, acrescentam poucos aspectos relevantes aos modelos já utilizados (TSAI; CHANG; PENG, 2016; ENTRIALGO; IGLESIAS, 2016), corroborando com a ideia de que o crescimento do domínio substantivo se dá em detrimento do conceitual.

Isto é, hoje pouco se estuda em termos de crescimento teórico em empreendedorismo. Ao contrário, estuda-se empreendedorismo de grupos específicos, muitas vezes em estudos dificilmente reproduzíveis, e comparam-se grupos. Em alguns casos, por exemplo, em Tsai, Chang e Peng (2016), comparam-se aspectos empreendedores em dois países cujos modelos institucionais e educacionais, sejam estes em termos de ambientes econômicos ou políticos, poderiam servir melhor de explicações alternativas em vez de indicar que a cultura local é a grande explicação para as diferenças encontradas. Ou seja, covariáveis macroambientais fundamentais para a montagem dos modelos são geralmente ignoradas. Apesar de presente no modelo teórico de Liñán e Fayolle (2015), variáveis institucionais são sistematicamente ausentes na literatura, sendo uma exceção notável o estudo de Engle et al. (2010).

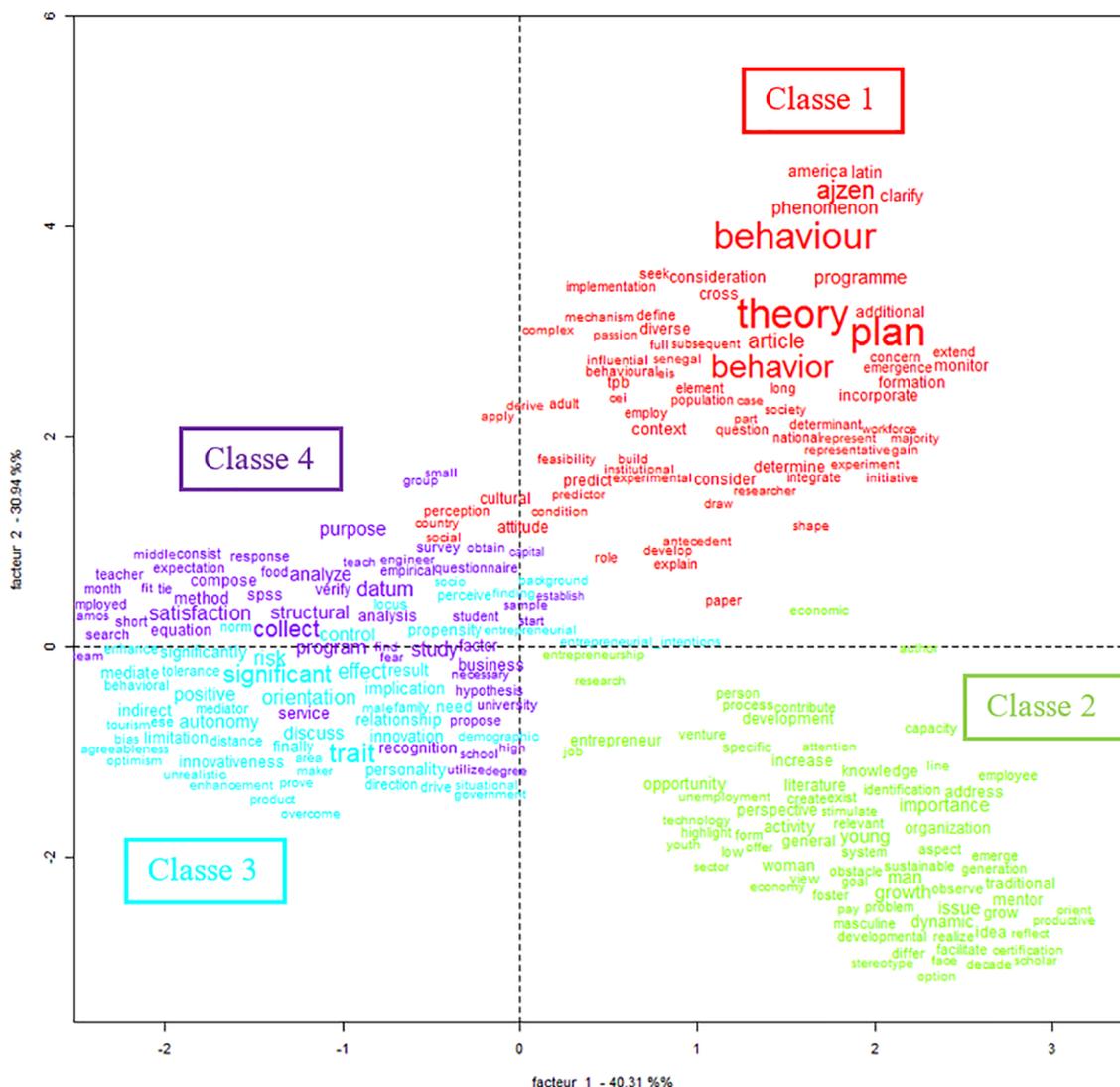
Esse aspecto dos estudos em intenção empreendedora faz com que surja um formato genérico aplicado e reciclado ('dogma'). De forma mais clara, o que se pode observar na extração de dados da amostra é que hoje em dia se produz muito do mesmo. Pretende-se demonstrar, por meio da análise das categorias, que esse formato genérico é tão claro que mesmo por meio de métodos estatísticos, os resultados são, de certo modo, similares e apontam para a mesma direção que os considerados por Liñán e Fayolle (2015). Outras inferências foram possíveis de serem construídas, com base na organização espacial de conceitos. A Figura 3 mostra a preocupação ocorrida pela importância de cada uma das classes no conjunto dos dados e como as palavras de cada categoria foram ranqueadas por ordem hierárquica.

Embora sejam métodos bastante distintos, foi possível observar que a literatura sobre IE naturalmente se concentra em quatro eixos principais (classes). Contudo, a sobreposição esperada com os construtos levantados por Liñán e Fayolle (2015) somente pôde ser parcialmente observada. Esta coincidência parcial justifica a proposição de um modelo alternativo, cujo propósito é complementar o pressuposto por tais autores.

Classe 1 – Componente Teórico. A primeira categoria encontrada nos dados é aquela em que a teoria é apontada como fator principal e eixo-guia. Essa categoria, contudo, aparenta ser a de menor peso nos estudos atuais se tomada de forma explícita, contando com somente 17,4% das instâncias em que conjuntos de palavras relacionadas a conceitos teóricos emergem. Entretanto, deve-se considerar que ela é primordial na compreensão dos demais. Alguns aspectos em relação a essa categoria merecem destaque. A teoria é apontada como geradora de relacionamento entre capacidades de planejamento e seu efeito no comportamento humano. Tal fato se apoia em Ajzen (1991), como uma das palavras-chave ligadas à teoria vigente. Esse paradigma, que se apoia na TAR (FISHBEIN; AJZEN, 1975; AJZEN; FISHBEIN, 1980), toma forma a partir da definição da TCP (AJZEN, 1985, 1991). A despeito de outras correntes sugerirem formas alternativas de desenvolvimento teórico, bem como de medição de *proxies* de comportamento empreendedor (LIÑÁN; CHEN, 2009; LIÑÁN; URBANO; GUERRERO, 2011), fica patente a influência dos primeiros paradigmas formais de IE como cerne teórico. Tais análises em desdobramento e alternativas poderão eventualmente tomar a frente no campo teórico, mas o conjunto de dados selecionado ainda não permite tal afirmação.

Classe 2 – Acessórios e contextualização. Enquanto a primeira classe claramente definiu os pressupostos teóricos principais do conjunto de artigos selecionados, sua coesão ocorreu por afinidade temática (teoria pura), e a segunda categoria ficou diretamente ligada à primeira (ambas partilham origem similar — vide proximidade no dendograma) e apresentou 26,4%

Figura 4 - Organização espacial de construtos



Fonte: os autores.

do conteúdo dos estudos selecionados. Essa categoria tem como base os elementos adjacentes às teorias de IE e como estes se encaixam na teoria vigente. É possível observar que os temas ligados a essa categoria são aqueles agrupados por cenário (perspectiva, oportunidade, atividade, etc.) (KORPYSA, 2010), orientação de população estudada (masculino, feminino, jovem, etc.) (KIRBY, 2004; MUELLER; DATO-ON, 2008) e causas do empreendedorismo (importância, problema, crescimento, necessidade, etc.). Outro aspecto relevante e bastante difundido dentro dessa categoria é a noção de crescimento. Diversas palavras incluídas nesse *cluster* apontam para uma orientação ao desenvolvimento pessoal e econômico (crescimento, crescer, aumentar, desenvolvimento, etc.). Um possível desenvolvimento da literatura é o ramo de estudos sobre o papel do conhecimento como fator-chave para inserção e geração de empreendedorismo (conhecimento, mentoria) (ST-JEAN; AUDET, 2012).

Classe 3 – Perfil e características. As classes 1 (Componente Teórico) e 2 (Acessórios e Contextualização) formaram um ramo coeso no dendograma, o qual, entretanto, ficou levemente minoritário (43,8%) dentro do conjunto de dados. Ficou evidente que tais escolhas foram motivadas pelas possíveis importâncias e consequências dos estudos realizados (significância, implicação) (MA; TAN, 2006; WILSON; KICKUL; MARLINO, 2007). Um segundo aspecto relevante, e centrado nesse construto, foram as características do grupo ou dos indivíduos

selecionados pelo estudo, consideradas relevantes para um desdobramento teórico. Diversas palavras primordiais nesse construto indicam múltiplas facetas diferentes abordadas nas pesquisas (personalidade, traço, risco, controle, propensão, etc.) (SCHMIDT-RODERMUND, 2004; OBSCHONSKA et al., 2013). Outra perspectiva considerável foi a preocupação, não somente com características inatas ou adquiridas em processos de IE, mas a forma como estas podem ser fomentadas, modificadas e ampliadas (direcionamento, percepção, orientação), bem como mantidas na individualidade dos empreendedores (autonomia, relacionamento).

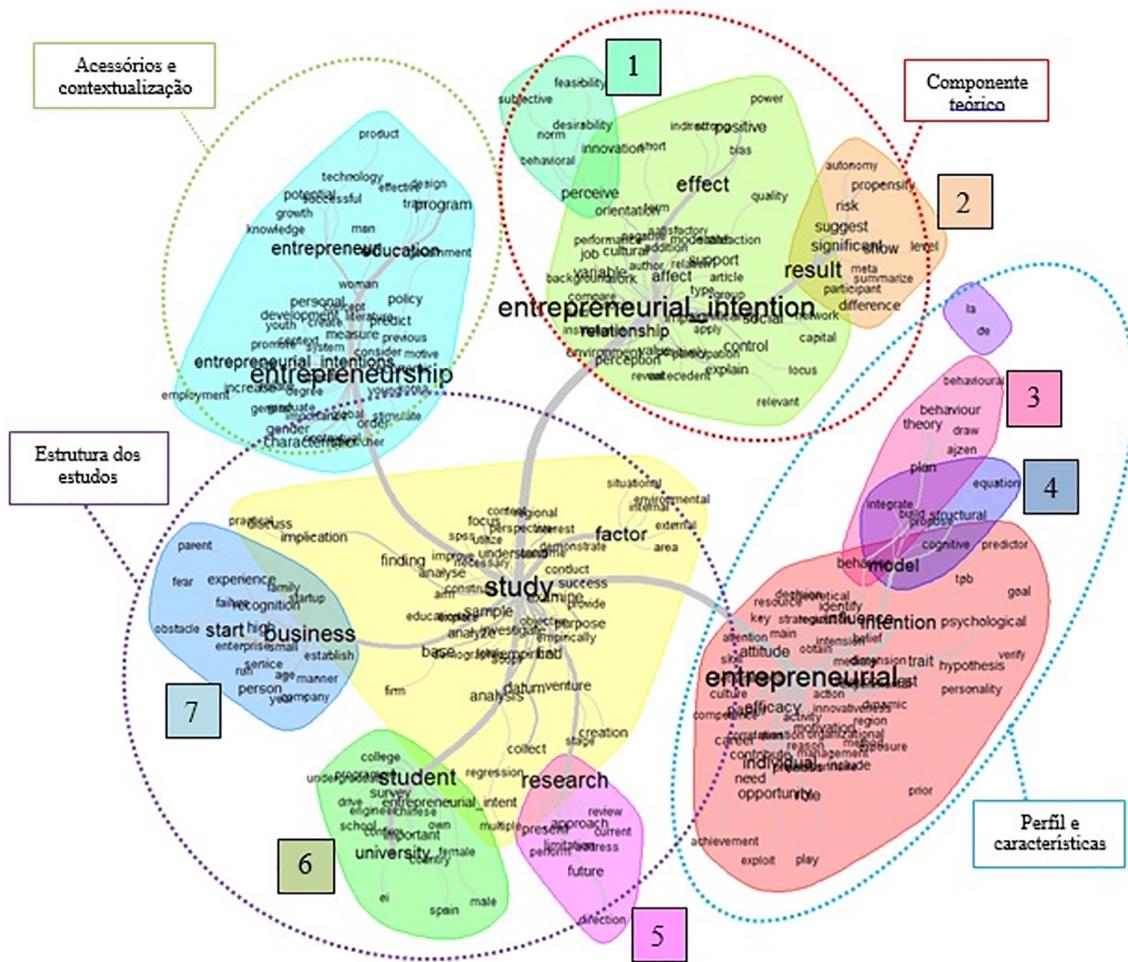
Classe 4 – Estrutura dos estudos. Este é o construto mais difundido e, obviamente, foi o mais citado, uma vez que toda a análise textual se concentrou nos termos repetidos (padrão acadêmico). Inicialmente, a principal preocupação dos estudos foi a coleta de dados, o que se deveu à perda de confiabilidade em resultados obtidos com coletas inadequadas de amostras não representativas. Outro aspecto protocolar presente na maioria dos estudos analisados ocorreu em razão da preocupação com a existência de um método que fosse adequado à análise pretendida (método, propósito). Um terceiro aspecto fundamental foi a precaução com o trinômio coleta-análise-verificação. Por outro lado, por mais que tenha havido expressiva quantidade de estudos empíricos, esperava-se maior presença em termos de geração, acréscimo/alteração e validação de modelos. Por mais que a teoria a respeito de IE estivesse devidamente desenvolvida e estabilizada, a transição entre modelos e sua aplicação na prática da ação de empreender parece ainda não ter ganho força nos estudos mais recentes.

A primeira conclusão que se pode tirar é que as classes 1 (Componente teórico) e 2 (Acessórios e contextualização) se apresentaram relativamente estáveis. Ou seja, foram coesas e circunscritas em seus próprios limites, muito pouco permeadas por conceitos oriundos das demais categorias. Por outro lado, as classes 3 (Perfil e características) e 4 (Estrutura dos dados) apresentaram alto grau de interação e sobreposição. Além disto, é visualmente possível verificar que os aspectos conceituais (classe 1) e metodológicos (classe 2) são praticamente isolados do restante do texto dos estudos. Isto é, não há uma relação clara entre domínio conceitual e metodológico com a geração de conhecimento. Há, por outro lado, uma inter-relação muito intensa entre a estrutura dos estudos e o perfil dos respondentes. Pode-se inferir, dessa forma, que a teoria tenha tido influência direta nos acessórios, e destes em um perfil especificado. Melhor compreendendo: da teoria (classe 1) à contextualização (classe 2) em um novo objeto (classe 3). O construto representado pela classe 4 (Estrutura dos estudos) foi influenciado diretamente pela teoria e pelo processo de nova contextualização, mas sua relação mais profunda ocorreu com o perfil escolhido. Essa relação, apesar de mais evidente, comprovou a preocupação dos estudos de IE em adequar métodos, técnicas e análises aos novos perfis, ainda não testados.

A última análise foi referente à Análise de Similaridade. Esta, ainda baseada no método de Reinert (1993), permitiu verificar não somente a organização e a sobreposição de construtos (desta vez, de forma muito mais detalhada, em especial dos construtos de segunda ordem), mas também sua relação de importância relativa (o quanto um construto tem em termos de ligação com outro).

O primeiro aspecto, e mais relevante, é que a estrutura do estudo é o nó principal (dele partem os discursos nos artigos e seu desenvolvimento) e não o componente teórico – isto é, o foco dos estudos é na replicação da teoria e não na discussão e ampliação desta. Com base nessa análise foi possível verificar que cada um dos construtos principais foi formado por componentes individuais (construtos de segunda ordem, marcados com quadros numerados na Figura 4), com exceção do constructo denominado Acessórios e Contextualização. Isso foi compreensível uma vez que tal construto se constituiu em uma transição do Componente Teórico para a aplicação em um novo objeto de estudo (Perfil e Características).

O construto Componente Teórico, por sua vez, apresentou dois construtos de segunda ordem: 1) tratou da viabilidade, desejabilidade e aspectos subjetivos da intenção empreendedora; e 2) tratou dos níveis de autonomia e propensão a empreender. O construto Perfil e Características apresentou outros dois componentes: 1) conceitos ligados diretamente ao



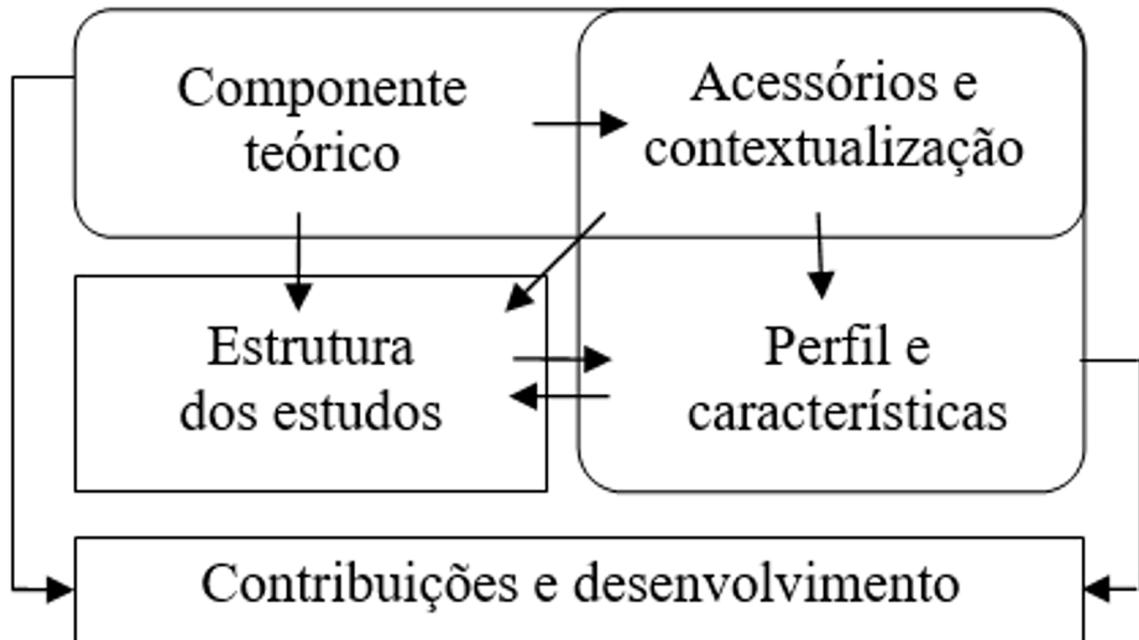
Fonte: os autores.

comportamento dos indivíduos empreendedores; e 2) conceitos relativos às estruturas cognitivas do comportamento empreendedor. Nesse ponto tornou-se necessário destacar que o construto principal e os de segunda ordem ficaram sobrepostos em uma área centrada pela geração de modelos (comportamentais de empreendedorismo).

Pela análise realizada, o construto Perfil e Estrutura dos Estudos aparentou ser o mais complexo, por materializar a parte tangível e metodológica dos artigos selecionados. Como esperado, apresentou três construtos de segunda ordem, que trataram, respectivamente: 1) de detalhes da pesquisa; 2) do tipo de amostragem pretendida; e 3) de características diretas do negócio. Compreende-se, portanto, que este estudo foi capaz de oferecer uma visão ampliada, com aspectos e agrupamentos detalhados, a respeito de um campo de pesquisa frutífero e em desenvolvimento como a IE. Um modelo evidenciando tal relação emergiu da pesquisa realizada, considerando esses resultados. Assim, considerando as organizações de construtos encontradas nas análises, emergiu, de maneira preliminar, a proposição de um modelo para o estudo da IE, conforme pode ser evidenciado na Figura 5.

Tal modelo se baseou na organização espacial e no peso entre os construtos principais e de construtos de segunda ordem, presentes na análise.

Segundo a proposta preliminar de modelo, existe uma separação do construto Estrutura dos Estudos e do que se trata de Teoria, apesar de ser obviamente emergente desta. Ao contrário de outros campos em que a prática e os métodos influenciam diretamente a forma com a qual a teoria se conforma, não se evidenciou relação de mão dupla entre teoria e metodologia em IE. O construto Estrutura dos Estudos ainda aparenta receber influência do construto Acessório e Contextualização e, da mesma forma como no anterior, parece ser uma via de mão única (Acessórios → Estrutura).

Figura 6 - Modelo proposto para continuidade do Estudo da Intenção Empreendedora

Fonte: os autores.

Há, ainda, uma relação de alta dependência entre os perfis escolhidos para as amostras dos estudos realizados e as metodologias. Essa relação é bastante evidente sob o prisma da metodologia científica, funcionando como um caminho alternativo de interação da teoria com o objeto em estudo.

5. CONCLUSÃO

O objeto de estudo voltado para a IE se mostrou adequado para uma análise específica de sua literatura, publicada na grande área das ciências sociais e indexada na plataforma *Web of Science*, na forma de artigo científico. Por sua vez, a questão de pesquisa foi respondida: a literatura de IE, por meio de categorização e de classificação, com conseqüente proposição de modelo preliminar para continuidade de seu estudo, propiciou a ampliação do entendimento do tema. O objetivo proposto para a pesquisa foi alcançado, visto que esta literatura, constituída por 142 artigos científicos, publicados em linha, em sua forma completa, mostrou-se pertinente para a análise pretendida. As palavras-chave definidas se mostraram relevantes para abordar o tema por completo.

Da mesma forma, o delineamento metodológico descritivo, considerando dados quantitativos, a adoção da bibliometria quanto à Lei de Zipf (ZIPF, 1949) e o método de Reinert (1993) foram suficientes para a obtenção dos resultados, permitindo o aumento de conhecimentos e de compreensão de categorias internas de agrupamento teórico. Quatro classes surgiram da literatura analisada segundo o método de Reinert (1993): 1) Componente Teórico; 2) Acessórios e Contextualização; 3) Características Típicas; e 4) Estrutura dos Estudos. Essas classes de construtos, por sua vez, mostram relacionamento entre si, sendo que a estrutura dos estudos (classe 4) foi influenciada pela teoria (classe 1) e pelo processo de nova contextualização (classe 2), e sua relação mais profunda ocorreu com as características do perfil escolhido (classe 3). Essa relação permitiu compreender que os artigos de IE se voltam, basicamente, para adequar métodos, técnicas e análises aos novos perfis e papéis do empreendedor. A dimensão de contribuições, que não foi agrupada por meio das análises do método de Reinert (1993), foi integrada em um modelo preliminar teórico. Assim,

houve a possibilidade de se propor um modelo preliminar para a continuidade de estudos da IE, que poderá evidenciar a relação que emergiu desta pesquisa. Esse modelo se baseou na organização espacial e no peso entre os construtos principais e os construtos de segunda ordem, evidenciados na análise de dados realizada pelo programa Iramuteq. Considerando as organizações de classes e de construtos encontradas na pesquisa realizada, este modelo poderá servir de guia para novos estudos no tema da IE.

Cabe ressaltar, entretanto, como limitação a utilização de uma base de dados apenas: a *Web of Science*. Todavia, por ela ter reputação internacional, tal fato não inviabiliza o que aqui foi realizado. Da mesma forma, como o modelo preliminar aqui proposto não foi testado, ela também pode ser considerada uma limitação da pesquisa, embora não se constituísse em objetivo de pesquisa. Dessa forma, uma nova fase deste estudo deve ser considerada. Recomenda-se que o estudo seja retomado considerando outras bases de dados internacionais, em um período de tempo de continuidade ao que aqui foi realizado, e que o modelo preliminar proposto seja aplicado em estudos futuros sobre IE.

De forma geral, pode-se afirmar que há um claro e rápido esgotamento nos estudos de empreendedorismo, de acordo com o modelo replicado à exaustão, conforme apontado por Terjesen, Hessels e Li (2013). Em segundo lugar, em contraponto, existe a possibilidade de reconstrução da pesquisa em empreendedorismo, a partir da revisão de modelos atuais, da criação de novos modelos, da inclusão de novas variáveis e covariáveis frequentemente deixadas de lado nos estudos do tema, e de um posterior crescimento de estudos de alta qualidade em IE. Cabe ao futuro da área de IE a escolha entre dois dos direcionamentos apontados aqui. Este artigo teve cunho eminentemente teórico, mas tanto praticantes quanto acadêmicos devem verificar a intenção dos estudos. Para os praticantes, pode haver novas teorias ou métodos de mensuração de IE que não são tão correntes devido ao excesso de dogmatização de IE atual. Para os acadêmicos, resta o cuidado de transpor a mera replicação de modelos e teorias e avançar o desenvolvimento do conhecimento em IE.

Ao finalizar, pode-se dizer que foi possível verificar que o campo de IE apresentou um cerne teórico desenvolvido com diversas pesquisas realizadas. Houve ampliação da compreensão sobre IE no que se refere à categorização e classificação de constructos presentes na literatura científica publicada em periódicos internacionais especializados no período estudado, assim como a proposição preliminar de um modelo para conduzir novos estudos da literatura sobre IE.

6. REFERÊNCIAS

- AITCHISON, L.; CORRADI, N.; LATHAM, P. E. Zipf's law arises naturally in structured, high-dimensional data. **Plos computational biology**, Dec. 2016.
- AJZEN, I. From intentions to actions: a theory of planned behavior. In: KUHL, J.; BECKMANN, J. (Ed.). **Action-control: from cognitions of behavior**. Berlin: Springer-Verlag, 1985. p. 11-39.
- AJZEN, I. The theory of planned behavior. **Organizational behavior and human decision processes**, v. 50, i. 2, p. 179-211, 1991.
- AJZEN, I.; FISHBEIN, M. **Theory and reasoned action: understanding attitudes and predictor social behavior**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1980.
- ARAÚJO, C. A. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11-32, jan./jun. 2006.
- BAE, T. J. et al. The relationship between entrepreneurship education and entrepreneurial intentions: a meta-analytic review. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 38, i. 2, p. 217-254, Mar. 2014.
- BANDURA, A. Self-efficacy: Toward a unifying Theory of Behavioral Change. **Psychological Review**, v. 84, i. 2, p. 191-215, 1977.
- BANDURA, A. On the functional properties of perceived self-efficacy revisited. **Journal of Management**, v. 38, i. 1, p. 9-44, Jan. 2012.
- BARLACH, L. Empreendedorismo ou profissão: Um desafio para orientadores (as). **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 12, n.1, 2011.

- BIRD, B. Implementing entrepreneurial ideas: the case for intentions. **Academy of Management Review**, v. 13, i. 3, p. 442-454, 1988.
- BLACK, M. M. Exploring the multi-focus influence of identity on students' entrepreneurial intent. **SHAREOK – advancing Oklahoma scholarship, research and institutional memory**, 2012. Disponível em: <<https://shareok.org/handle/11244/7204>>. Acesso em: 20 abr. 2017.
- BOYD, N. G.; VOZIKIS, G. S. The Influence of self-efficacy on the development of entrepreneurial intentions and actions. **Entrepreneurship Theory and Practice**, Summer, 1994.
- BRINBERG, D. Validity Concepts in Research: an Integrative Approach. **NA - Advances in Consumer Research**, v. 09. Andrew Mitchell, Ann Abor (eds.). Association for Consumer Research, Michigan. Pages: 40-44, 1982.
- BRINBERG, D.; MCGRATH, J. E. **Validity and the research process**. Third printing, 1989. Sage Publications, Newbury Park, Califórnia, 1985.
- COPE, J. Toward a dynamic learning perspective of entrepreneurship. **Entrepreneurship theory and practice**, v. 29, i. 4, p. 373-397, 2005.
- CORRAL, Á.; BOLEDA, G.; FERRER-I-CANCHO, R. Zipf's law for word frequencies: Word forms versus lemmas in long texts. **PloS one**, v. 10, i. 7, p. e0129031, 2015.
- COSTANZA, R. et al. Influential publications in ecological economics revisited. **Ecological Economics**, v. 123, p. 68-76, 2016.
- Engle, R. L. et al. Entrepreneurial intent: A twelve-country evaluation of Ajzen's model of planned behavior. **International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research**, v. 16, i. 1, p. 35-57, 2010.
- ENTRIALGO, M.; IGLESIAS, V. The moderating role of entrepreneurship education on the antecedents of entrepreneurial intention. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 12, i. 4, p. 1209-1232, 2016.
- ESPÍRITU-OLMOS, R.; SASTRE-CASTILLO, M. A. Personality traits versus work values: Comparing psychological theories on entrepreneurial intention. **Journal of Business Research**, v. 68, i. 7, p. 1595-1598, 2015.
- FAYOLLE, A.; LIÑÁN, F. The future of research on entrepreneurial intentions. **Journal of Business Research**, v. 67, i. 5, p. 663-666, 2014.
- FERRER-I-CANCHO, R.; ELVEVÁG, B. Random texts do not exhibit the real Zipf's law-like rank distribution. **PLoS One**, v. 5, i. 3, p. e9411, 2010.
- FISHBEIN, M. A.; AJZEN, I. **Belief, attitude, intention and behavior: an introduction to theory and research**. Reading: Addison-Wesley, 1975.
- FITZSIMMONS, J. R.; DOUGLAS, E. J. Interaction between feasibility and desirability in the formation of entrepreneurial intentions. **Journal of Business Venturing**, v. 26, i. 4, p. 431-440, 2011.
- GIELNIK, M. M. et al. Action and action-regulation in entrepreneurship: Evaluating a student training for promoting entrepreneurship. **Academy of Management Learning & Education**, v. 14, i. 1, p. 69-94, 2015.
- GOETZ, P. **Phil Goetz's Complexity Dictionary**. Disponível em: <<http://www.cs.buffalo.edu/~goetz/dict.html>>. Acesso em: 17 abr. 2017.
- GRÉGOIRE, D. A. et al. The Mind in the Middle: Taking Stock of Affect and Cognition Research in Entrepreneurship. **International Journal of Management Reviews**, v. 17, i. 2, p. 125-142, 2015.
- GUEDES, V. L. S.; BORSCHIVER, S. Bibliometria: uma ferramenta estatística para a gestão da informação e do conhecimento, em sistemas de informação, de comunicação e de avaliação científica e tecnológica. In: ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO, 6., 2005, Salvador. **Anais...** Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2005.
- IBRAHIM, N.; MAS'UD, A. Moderating role of entrepreneurial orientation on the relationship between entrepreneurial skills, environmental factors and entrepreneurial intention: A PLS approach. **Management Science Letters**, v. 6, i. 3, p. 225-236, 2016.
- JENNINGS, J. E.; BRUSH, C. G. Research on women entrepreneurs: challenges to (and from) the broader entrepreneurship literature? **The Academy of Management Annals**, v. 7, i. 1, p. 663-715, 2013.
- KATZ, J.; GARTNER, W. B. Properties of emerging organizations. **Academy of Management Review**, v. 13, i. 3, p. 429-441, 1988.
- KAUTONEN, T.; GELDEREN, M.; FINK, M. Robustness of the theory of planned behavior in predicting entrepreneurial intentions and actions. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 39, i. 3, p. 655-674, 2015.
- KIRBY, D. A. Entrepreneurship education: can business schools meet the challenge?. **Education + training**, v. 46, i. 8-9, p. 510-519, 2004.
- KOLVEREID, L. Prediction of employment status choice intentions, **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 20, i. 3, p. 47, 1996.
- KOLVEREID, L. Preference for self-employment Prediction of new business start-up intentions and efforts. **The International Journal of Entrepreneurship and Innovation**, v. 17, i. 2, p. 100-109, 2016.

- KORPYSA, J. Unemployment as a main determinant of entrepreneurship. Transformation in **Business & Economics**, v. 9, i. 1, 2010.
- KRUEGER, N. F.; BRAZEAL, D. V. Entrepreneurial potential and potential entrepreneurs. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 18, i. 3, p. 91-104, 1994.
- KRUEGER, N. F.; REILLY, M. D.; CARSRUD, A. L. Competing models of entrepreneurial intentions. **Journal of Business Venturing**, v. 15, i. 5-6, p. 411-432, 2000.
- LEE, L. et al. Entrepreneurial intentions: the influence of organizational and individual factors. **Journal of Business Venturing**, v. 26, p. 124-136, 2011.
- LIÑÁN, F.; CHEN, Y. Development and cross-cultural application of a specific instrument to measure entrepreneurial intentions. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 33, i. 3, p. 593-617, May 2009.
- LIÑÁN, F.; FAYOLLE, A. A systematic literature review on entrepreneurial intentions: citation, thematic analyses, and research agenda. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 11, i. 4, p. 907-933, 2015.
- LIÑÁN, F.; URBANO, D.; GUERRERO, M. Regional variations in entrepreneurial cognitions: start-up intentions of university students in Spain. **Entrepreneurship & Regional Development**, v. 23, i. 3-4, p. 187-215, Apr. 2011.
- LORTIE, J.; CASTOGIOVANI, G. The theory of planned behavior in entrepreneurship research: what we know and future directions. **International Entrepreneurship and Management Journal**, Mar. 2015.
- LUMPKIN, G. T.; DESS, G. G. Clarifying the entrepreneurial orientation construct and linking it to performance. **Academy of Management Review**, v. 21, i. 1, p. 135-172, 1996.
- MA, H.; TAN, J. Key components and implications of entrepreneurship: A 4-P framework. **Journal of Business Venturing**, v. 21, i. 5, p. 704-725, 2006.
- MCGEE, J. E. et al. Entrepreneurial self-efficacy: refining the measure. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 33, i. 4, p. 965-988, 2009.
- MORENO-SÁNCHEZ, I.; FONT-CLOS, F.; CORRAL, Á. Large-scale analysis of Zipf's law in English texts. **PloS one**, v. 11, i. 1, e0147073, 2016.
- MUELLER, S. L.; DATO-ON, M. C. Gender-role orientation as a determinant of entrepreneurial self-efficacy. **Journal of Developmental Entrepreneurship**, v. 13, i. 1, p. 3-20, 2008.
- OBSCHONKA, M. et al. The regional distribution and correlates of an entrepreneurship-prone personality profile in the United States, Germany, and the United Kingdom: A socioecological perspective. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 105, i. 1, p. 104-122, 2013.
- OLIVEIRA, J. R. S.; MARTINS, G. A. **Avaliação da Qualidade da Pesquisa em Contabilidade: elementos para a reflexão**. In: XIV Congresso USP Controladoria e Contabilidade, 2014.
- PFEIFER, S.; ŠARLIJA, N.; ZEKIC SUŠAC, M. Shaping the Entrepreneurial Mindset: Entrepreneurial Intentions of Business Students in Croatia. **Journal of Small Business Management**, v. 54, i. 1, p. 102-117, 2016.
- PIANTADOSI, S. T. Zipf's word frequency law in natural language: A critical review and future directions. **Psychonomic Bulletin & Review**, v. 21, i. 5, p. 1112-1130, 2014.
- PIERCE, J. R. **Introduction to information theory: symbols, signals, and noise**. 2. ed. New York: Dover, 1980.
- REINERT, M. Les "Mondes lexicaux" et leur "logique" à travers de l'analyse statistique d'un corpus de récits de cauchemars. **Langage et société**, v. 66, n. 1, p. 5-39, 1993.
- RUEDA, S.; MORIANO, J. A.; LIÑÁN, F. Validating a theory of planned behavior questionnaire to measure entrepreneurial intention. In: FAYOLLE, A.; KYRÖ, P.; LIÑÁN, F. (Ed.). **Developing, shaping and growing entrepreneurship**. Cheltenham: Edward Elgar, 2015. p. 68-78.
- SANTOS, S. C.; CURRAL, L.; CAETANO, A. Cognitive maps in early entrepreneurship stages: from motivation to implementation. **The International Journal of Entrepreneurship and Innovation**, v. 11, n. 1, p. 29-44, 2010.
- SBALCHIERO, S.; TUZZI, A. Scientists' spirituality in scientists' words. Assessing and enriching the results of a qualitative analysis of in-depth interviews by means of quantitative approaches. **Quality & Quantity**, p. 1-16, 2015.
- SCHLAEGEL, C.; KOENIG, M. Determinants of entrepreneurial intent: a meta-analytic test and integration of competing models. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 38, i. 2, p. 291-332, 2014.
- SCHMITT-RODERMUND, E. Pathways to successful entrepreneurship: parenting, personality, early entrepreneurial competence, and interests. **Journal of Vocational Behavior**, v. 65, i. 3, p. 498-518, 2004.
- SHAPERO, A.; SOKOL, L. The social dimensions of entrepreneurship. In: CALVIN, A. K.; S.; VESPER, K. H. **Encyclopaedia of Entrepreneurship**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1982.
- SHAPERO, A. The entrepreneurial event. In: KENT, C. A. (Ed.). **The environment for entrepreneurship**. Lexington: D.C. Heath, 1984. p. 21-40.
- SILVEIRA, A.; BIZARRIAS, F. S.; CARMO, H. M. O. Entrepreneurial Intention of the Participants of the Startup Weekend: Longitudinal Analysis. **International Journal of Advances in Management and Economics**, v. 6, n. 1, p. 90-102, Jan./Feb. 2017.

- SINGH, B.; VERMA, P.; RAO, M. K. Influence of Individual and Socio-cultural Factors on Entrepreneurial Intention. **South Asian Journal of Management**, v. 23, i. 1, 2016.
- SOUTARIS, V.; ZERBINATI, S.; AL-LAHAM, A. Do entrepreneurship programmers raise entrepreneurial intention of science and engineering students? The effect of learning, inspiration and resources. **Journal of Business venturing**, v. 22, i. 4, p. 566-591, 2007.
- SOUZA, C. P. D. S. (2012). Processo de intraempreendedorismo e mudança organizacional: o caso da criação e implantação de um programa de pós-graduação em uma instituição de ensino superior pública em Curitiba-PR.
- SOUZA, R. S. **Intenção Empreendedora: validação de modelo em universidades federais de Mato Grosso do Sul, Brasil**. 2015. Tese (Doutorado em Administração)—Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2015.
- SOUZA, R. S.; SILVEIRA, A. Intenção empreendedora: validação do Entrepreneurial Intention Questionnaire (EIQ) em contexto brasileiro. In: Encontro da ANPAD, 40., 2016. **Anais...** Costa do Sauípe: ENANPAD, 2016. p. 1-16.
- SUBRAMANYAM, K. Bibliometric studies of research collaboration: a review. **Journal of information science**, 1982.
- ST-JEAN, E.; AUDET, J. The role of mentoring in the learning development of the novice entrepreneur. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 8, i. 1, p. 119-140, 2012.
- TERJESEN, S.; HESSELS, J.; LI, D. Comparative international entrepreneurship: a review and research agenda. **Journal of Management**, v. 42, i. 1, p. 299-344, Jan. 2016.
- THOMPSON, E. R. Individual entrepreneurial intent: construct clarification and development of an internationally reliable metric. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 33, i. 3, p. 669-694, 2009.
- THURNER, S. et al. Understanding Zipf's law of word frequencies through sample-space collapse in sentence formation. **Journal of The Royal Society Interface**, v. 12, i. 108, 2015.
- TSAI, K. H.; CHANG, H. C.; PENG, C. Y. Refining the linkage between perceived capability and entrepreneurial intention: roles of perceived opportunity, fear of failure, and gender. **International Entrepreneurship and Management Journal**, p. 1-19, 2016.
- TURKER, D.; SONMEZ S. S. Which factors affect entrepreneurial intention of university students?. **Journal of European industrial training**, v. 33, n.2, p. 142-159, 2009.
- UHER, J. Developing "personality" taxonomies: Metatheoretical and methodological rationales underlying selection approaches, methods of data generation and reduction principles. **Integrative Psychological and Behavioral Science**, v. 49, i. 4, p. 531-589, 2015.
- VILHENA, D. A. et al. Finding cultural holes: how structure and culture diverge in networks of scholarly communication. **Sociological Science**, v. 1, p.221-238, 2014.
- WAGNER, W.; HANSEN, K.; KRONBERGER, N. Quantitative and qualitative research across cultures and languages: Cultural metrics and their application. **Integrative Psychological and Behavioral Science**, v. 48, i. 4, p. 418-434, 2014.
- WELTER, F. Contextualizing entrepreneurship—conceptual challenges and ways forward. **Entrepreneurship theory and practice**, v. 35, n. 1, p. 165-184, 2011.
- WILLIAMS, J. R. et al. Zipf's law is a consequence of coherent language production. **CoRR**, 2016.
- WILSON, F.; KICKUL, J.; MARLINO, D. Gender, entrepreneurial self-efficacy, and entrepreneurial career intentions: Implications for entrepreneurship Education1. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 31, i. 3, p. 387-406, 2007.
- YADAV, M. S. The decline of conceptual articles and implications for knowledge development. **Journal of Marketing**, v. 74, n. 1, p. 1-19, 2010.
- ZANETTE, D.; MONTEMURRO, M. Dynamics of text generation with realistic Zipf's distribution. **Journal of Quantitative Linguistics**, v. 12, i. 1, p. 29-40, 2005.
- ZIPF, G. K. **Human behaviour and the principle of least effort**. Cambridge: Addison-Wesley, 1949.